

**A Memória Coletiva da Escravidão em *Feeding The Ghosts*, (1997), de Fred  
D’Aguiar**  
**The Collective Memory of Slavery in *Feeding The Ghosts*, (1997), of Fred  
D’Aguiar**

Elis Regina Fernandes Alves<sup>1</sup>

Universidade Federal do Amazonas

**Resumo.** *Feeding the Ghosts* (1997) de Fred D’Aguiar é analisado com foco na memória coletiva da escravidão. O romance tematiza a memória da escravidão, constituindo-se um romance histórico, que aborda o ocorrido no navio negreiro *Zong*, em 1781. O foco narrativo recai sobre a protagonista Mintah, escrava que tenta um motim a bordo, mas falha, e vê 131 companheiros serem jogados vivos ao mar. A ficção sobre a memória da escravidão faz uma revisitação aos legados deixados por esta barbárie. A ideia da memória coletiva, de Halbwachs (2006), levou a se compreender como o romance evidencia que as memórias coletivas dos escravos não são consideradas, ao se compor a memória histórica da escravidão. Mintah teve seu diário ignorado no tribunal, e as memórias históricas que ficaram sobre o navio *Zong* são apenas as memórias dos tripulantes e do capitão, cujo olhar ideológico sobre a escravidão justificava a morte de escravos doentes em nome do lucro.

**Palavras-chave:** Memória coletiva; Escravidão; Fred D’Aguiar; *Feeding the Ghosts*.

**Abstract.** Fred D’Aguiar’s *Feeding the Ghosts* (1997) is analyzed focusing on the collective memory of slavery. The novel thematizes the memory of slavery, being a historical novel, that approaches what happened on the slave ship *Zong*, in 1781. The focus is on the protagonist Mintah, a slave who attempts a riot on board, but she fails and sees 131 fellows thrown alive into the sea. The fiction about the memory of slavery revisits the legacies left by this barbarism. The idea of collective memory of Halbwachs (2006) took to an understanding of how the novel shows that the collective memories of slaves are not considered when the historical memory of slavery is composed. Mintah had her diary ignored in court, and the historical memories of the ship *Zong* are just the memories of the crew and the captain, whose ideological view about slavery justified the murdering of sick slaves because of profit.

**Keywords:** Collective memory; Slavery; Fred D’Aguiar; *Feeding the Ghosts*.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras- Língua Inglesa e Língua Portuguesa- pela UEM- Universidade Estadual de Maringá (2003), mestrado em Letras pela mesma Universidade (2007), e doutorado em Letras pela UNESP de São José do Rio Preto (2018). É professora adjunta da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, no curso de Letras- Língua e Literaturas Portuguesa e Inglesa no IEAA- Instituto de educação, agricultura e ambiente da cidade de Humaitá- AM. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura de Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura pós colonial; feminismo, escravidão, memória. Leciona as disciplinas de Literaturas Inglesa e Norte Americana, Língua Inglesa, TCC e Estágio. Atua no PPGL-UFAM (Manaus), orientando, principalmente em temáticas voltadas ao feminismo, feminismo negro, interseccionalidade e pós-colonialismo. Atualmente, é coordenadora do Curso de Letras- Línguas Inglesa e Portuguesa do IEAA-UFAM. E-mail: [elisregi@ufam.edu.br](mailto:elisregi@ufam.edu.br)

**Submetido em 7 de fevereiro de 2021.**

**Aprovado em 4 de agosto de 2022.**

## **Introdução**

Busca-se analisar o romance *Feeding the Ghosts* (1997), de Fred D'Aguiar, com foco na memória da escravidão. Fred D'Aguiar é inglês, de origens guianenses, e denota em sua escrita, como estas vivências de ser um negro de origem guianense na Inglaterra conturbada dos anos 70 influenciaram sua escrita e o impeliram a falar sobre temas como racismo, escravidão, raça. Escreve romances, poesia e peças de teatro, além de artigos críticos, principalmente sobre a escravidão, e usa a memória da escravidão para levantar a questão sobre o que devemos fazer com o legado histórico da escravidão (WARD, 2011).

Seu terceiro romance, *Feeding the Ghosts*, propõe uma ideia contrastante entre a memória individual da protagonista Mintah e a memória histórica relatada oficialmente acerca do mesmo fato, a viagem do navio negreiro *Zong*, vindo da África para a Inglaterra em 1781 e a morte de 131 escravos, jogados ao mar por estarem, supostamente, doentes. Em *Feeding the Ghosts* pode-se analisar a memória coletiva de Mintah, a protagonista, que estava a bordo do navio *Zong* e foi jogada ao mar, mas conseguiu içar-se de novo ao navio, e contrapor sua memória à memória coletiva dos tripulantes do navio e também à memória histórica, que foi oficializada e aceita no tribunal de julgamento sobre as mortes a bordo do *Zong*, já que esse é um romance histórico.

O viés da memória se apresentou diante dos próprios romances de D'Aguiar que trazem, de forma contundente, aspectos memorialísticos para fazer pensar como certas memórias são descartadas na oficialização da história, principalmente no romance *Feeding the Ghosts*, e como as memórias coletivas de certos grupos são fortemente influenciadas por seu viés ideológico. Analisando e contrapondo as lembranças deste romance, busca-se mostrar como a escravidão deixou efeitos e como tais efeitos não podem ser ignorados ou esquecidos, sendo essa uma das premissas do próprio Fred D'Aguiar em artigos acerca da memória da escravidão e a impossibilidade de este tema ser esvaziado (1997; 2000a; 2000b). O passado da escravidão, esta diáspora forçada, um legado das empreitadas coloniais, se impõe a nós, na medida em que tantas marcas foram deixadas, como a estereotipação do sujeito negro, o racismo, a inferioridade imposta em tantas esferas sociais, as diásporas atuais.

A ficção busca revisitar este passado, rememorando-o ou imaginando-o, numa tentativa de evidenciar os legados da escravidão entre nós. (WARD, 2011).

Embora a temática da memória tenha sido amplamente discutida em aspectos variáveis, o teor sociológico do olhar de Halbwachs parece, nesta análise, se adaptar melhor ao que se busca evidenciar no romance, a questão de como as memórias individuais (que são sempre coletivas em alguma medida, para Halbwachs) dos personagens podem alterar e/ou afetar as memórias coletivas dos outros personagens envolvidos nos mesmos fatos. Diante disso há que se ir mais adiante e questionar como as memórias coletivas e/ou individuais afetam e/ou alteram a memória histórica e vice-versa. A memória histórica da escravidão terá tido como base quais memórias? As memórias coletivas de quais grupos? Podemos entender que tanto a memória da escravidão quanto a sua reminiscência, sua lembrança, serão distintas quando contadas por pessoas diferentes, em posições ideológicas distintas, no caso, escravos e senhores de escravos, pois tais sujeitos sentiram o processo de escravidão de forma muito particular.

### **1. A memória coletiva**

Em 1950, a obra *A memória coletiva*, de Maurice Halbwachs (1877-1945), foi publicada. O termo “memória coletiva” foi cunhado nesse livro, que traz discussões acerca das memórias individuais, coletivas e históricas, além de estudos sobre as relações da memória coletiva com o tempo, o espaço.

Halbwachs (2006) entende que as memórias individuais existem, mas são sempre influenciados por nossas vivências, como seres sociais que somos. Nossas memórias, que nos parecem individuais, seriam sempre influenciadas por outras memórias e experiências. Para reforçar essa tese, Halbwachs cita o fato de que recorremos a testemunhos para completar as lacunas de certas lembranças, sendo que o primeiro testemunho é o nosso, mas que, quando este é acrescido do testemunho de outros, nossa confiabilidade em tal lembrança se fortalece: “[...] como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas.” (2006, p. 29). Para Halbwachs (2006) embora alguns fatos tenham sido vividos apenas por nós, sua lembrança será sempre coletiva, pois nunca estamos sozinhos de fato:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (2006, p. 30)

O autor afirma ainda que, muitas vezes, precisamos nos apoiar na memória de outros testemunhos para “rearranjar” nossa memória sobre tal fato, que pode ser falha e nem sempre conseguir reconstituir, sozinha, uma imagem do passado. Assim é que ao fazer parte de um grupo, temos lembranças em comum que, embora não sejam as mesmas, se completam.

Entendemos que o conceito de memória individual, para Halbwachs, é, na verdade, a ideia de que as memórias individuais são formadas com base na memória coletiva. Portanto, mesmo as lembranças de fatos ocorridos sem testemunhas materiais constituem-se como lembranças coletivas, pois as impressões em nós produzidas são, sempre, influenciadas por certas ideias e opiniões e ideologias a nós trazidas em momentos prévios.

Halbwachs não acredita que a memória seja uma só, mas que seja múltipla, dada a participação dos indivíduos em diversos grupos. Ao traçar as diferenças entre memória e história, Pierre Nora (1993) retomará essa ideia de Halbwachs, dizendo: “A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.” (1993, p. 9).

Sobre a formação de memórias históricas, Halbwachs entende que elas se deem pela escolha de certas memórias coletivas, feitas por historiadores. Para Jacques Le Goff (1994), o historiador está, em primeiro lugar, submetido ao tempo em que vive, o que condiciona sua interpretação dos fatos, pois os fatos históricos são vistos de forma diferente conforme mudam os tempos. Da mesma forma, Hayden White (1985) entende que o historiador, na verdade, interpreta os fatos, os dados e seleciona o que vai ser chamado de história:

Por um lado, há sempre mais fatos no registro do que o historiador pode possivelmente incluir em sua representação narrativa de um dado segmento do processo histórico. E assim o historiador deve “interpretar” seus dados excluindo certos fatos de seu relato como irrelevantes para seu propósito narrativo. Por outro lado, em seus esforços para reconstruir “o que aconteceu” em qualquer período histórico, o historiador inevitavelmente deve

incluir em sua narrativa um relato de algum evento ou conjunto de eventos para o qual os fatos que permitiriam uma explicação plausível de sua ocorrência estão faltando. (p. 51).<sup>2</sup>

Vemos que o historiador acaba tendo que interpretar dados e escolher fatos que serão oficializados como história. A história é descrita sob determinado ponto de vista, que não consegue englobar todas as memórias coletivas dos participantes de um fato. Há mais dados do que o historiador pode incluir, porém, em alguns momentos, há dados falhos, lacunas a serem completadas. Rossi (2010) também corrobora essa ideia ao analisar o que David Lowenthal fala sobre o passado: “A história, afirma corretamente Lowenthal, é ao mesmo tempo *mais e menos* que o passado.” (2010, p. 28, grifos do autor). Também Paul Ricoeur (2007) se dedicou ao problema da interpretação em história e considera que não se pode negar que “por trás da interpretação, subsiste sempre um fundo impenetrável, opaco, inesgotável de motivações pessoais e culturais, do qual o sujeito jamais acabou de dar conta.” (2007, p. 351). Le Goff (1994) entende que não podemos esquecer o caráter humano da história, que interpreta o passado constantemente. Por seu caráter humano, a história não pode ser dissociada do meio social no qual o historiador se insere.

Para Halbwachs, memória coletiva é diferente de história. E Rossi (2010) reitera essa ideia ao afirmar que “a história se nutre da memória e esta ‘se impregna de toda uma série de noções e de sentimentos que são produzidos e veiculados pela historiografia’” (2010, p. 205). Dessa forma, entende-se que a memória seria um dos meios utilizados para se fazer história: “a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 1994, p. 49). Ao tratar da relação entre memória e história, Rossi (2010) afirma que a história deveria tender a um distanciamento crítico do passado, enquanto a memória implica uma participação emotiva em relação ao passado.

Porém é difícil distinguir os limites entre memória coletiva e história. Se a história se nutre da memória, qual o ponto em que a memória coletiva se transforma em história? Ou ainda: quais memórias coletivas se tornam história? Para Halbwachs, (2006), quando os

---

<sup>2</sup> On the one hand, there are always more facts in the record than the historian can possibly include in his narrative representation of a given segment of the historical process. And so the historian must “interpret” his data by excluding certain facts from his account as irrelevant to his narrative purpose. On the other hand, in his efforts to reconstruct “what happened” in any given period of history, the historian inevitably must include in his narrative an account of some event or complex of events for which the facts that would permit a plausible explanation of its occurrence are lacking.

grupos que retêm uma determinada memória coletiva começam a morrer, o único meio de preservar tal memória é “fixá-las por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e os pensamentos morrem.” (p. 101). Assim, entende-se que a memória coletiva de um fato existe enquanto aquele grupo que vivenciou o fato existe.

Analisando o avanço da escrita, Le Goff (1994) acredita que, ainda para os gregos, a memória escrita se sobrepôs à oral, bem como o que a história fez com a memória coletiva: “a história vem substituir a memória coletiva, transformando-a, mas sem a destruir.” (1994, p. 436). Assim é que os reis criavam “instituições-memória” (1994, p. 434), como museus, arquivos e, por vezes, mandavam gravar seus feitos em pedras, mais tarde em papiros, o que estreita ainda mais a relação entre memória coletiva e história, pois os feitos dos reis tornavam-se história e ficavam registrados, mas não outras memórias coletivas do povo comum, da plebe. Desde muito cedo a memória coletiva alimentava a história.

Ao analisar a obra de Halbwachs, Reinhardt (2006) acredita que os grupos reconstruam seu passado com base em memórias sociais, as memórias coletivas, mas, como a sociedade só sobrevive se houver unidade entre os grupos, as memórias e lembranças que podem segregar os grupos são apagadas, e há uma reorganização das memórias que, de fato, reflitam a unidade do grupo:

As lembranças escolhidas são rearranjadas de modo a refletir a consciência que a sociedade tem de si mesma no presente. A memória coletiva serve, assim, de ponte entre o acervo de lembranças que fornece uma estrutura para o passado e para as condições em que a sociedade se encontra no presente. Uma vez que as pessoas ou os fatos históricos permearam a memória do grupo, eles ganham significado como um ensinamento, uma noção ou um símbolo e se tornam parte do sistema de idéias da sociedade. (p. 9).<sup>3</sup>

Sobre a memória coletiva, Le Goff (1994) é mais crítico ao vê-la como “essencialmente mítica, deformada, anacrônica, mas constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado.” (1994, p. 29), e seria tarefa dos historiadores corrigirem essa “história tradicional falseada. A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar seus erros.” (1994, p. 29), mas se questiona se o historiador conseguiria atingir

---

<sup>3</sup> The chosen recollections are rearranged in such a way as to reflect the consciousness that society has of itself in the present. Collective memory thus serves as a bridge between the store of recollections that provide a framework for the past and for the conditions in which society finds itself in the present. Once people or historical facts have permeated the memory of the group, they gain meaning as a teaching, a notion, or a symbol and become part of society’s system of ideas.

tal ponto de imparcialidade e objetividade para alcançar este intento, já que, como vimos, a história não é desprovida de ideologias. Ricoeur (2007), ao tratar dos abusos da memória, também acredita que quando a memória coletiva se torna história, cabe à história (dada sua pretensa função crítica) corrigir tais abusos da memória.

Ao analisar os fatos do passado, o historiador está, obviamente, marcado por seu presente e dele não escapa, sendo a objetividade algo impossível de se atingir. Sobre isso, Pichler (2007) acredita que a história e também a memória sejam “Representações ou construções da realidade” (2007, p. 2)<sup>4</sup>, o que as tornaria fenômenos subjetivos. Daí vem a ideia de manipulação da história e abusos da memória, na medida em que o historiador é aquele quem escolhe o que vai ser oficializado como história, como entendeu Hugo Achugar (2006) ao tematizar os testemunhos na América Latina:

Historiador vem de *hístora*, e *hístora* quer dizer “aquele que sabe”, assinalou Michel de Certeau, em *Heterologías*. O historiador, aquele que conta a história, é aquele que sabe. Contudo, é possível afirmar que o historiador “é aquele que escolhe”, aquele que tem o poder para contar a história; um poder outorgado, não necessária ou unicamente, pela disciplina, pela academia, pelo partido político ou pela instituição legitimadora. Um poder que decide onde, quem e quando possui o saber. [...]. É um poder que decide a tensão entre o esquecimento e a memória. (2006, p.159).

Se assim o entendemos, notamos que o fato de o historiador ter o poder de escolher pode levar ao que Ricoeur (2007) chamou de memória manipulada através de processos ideológicos, que podem modificar a compreensão de mundo pelo homem, visto que a ideologia tenta tornar legítima “a autoridade da ordem ou do poder - ordem, no sentido da relação orgânica entre todo e parte, poder, no sentido da relação hierárquica entre governantes e governados.” (2007, p. 96).<sup>5</sup> Ricoeur entende que dessa forma a memória acabe sendo imposta por meio de uma história oficial, a “história aprendida e celebrada publicamente”. (2007, p. 98). Também sobre os silêncios, apagamentos, esquecimentos e manipulação das memórias coletivas, Le Goff (1994) se pronuncia, acreditando que exista uma disputa pela dominação das memórias coletivas e sua institucionalização como memória, pois que, dominar a história é exercer poder:

---

<sup>4</sup> representations or constructions of reality

<sup>5</sup> Para melhor compreensão do conceito de ideologia, o leitor interessado pode buscar referências na obra de Louis Althusser, *Aparelhos ideológicos do estado*, e Max Weber, *Economia e Sociedade* (embora esta última não trate especificamente de ideologia, suas noções sobre ordem e poder implicam no entendimento do uso ideológico para exercer poder e dominar).

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desse mecanismo de manipulação da memória coletiva. (1994, p. 426)

Obviamente, nem toda memória coletiva sobre a escravidão se perdeu, pois que havia escravos que conseguiram ser alfabetizados e contaram suas memórias e ainda havia historiadores abolicionistas que não concordavam com a ideia de oficializar a memória apenas dos senhores de escravos. Por isso é que temos, hoje, certo conhecimento do que foi a escravidão, nas vozes de historiadores mais comprometidos com a objetividade, na própria voz de escravos em autobiografias e ainda na voz ficcionalizada de escritores, como se evidencia no romance aqui em análise.

## **2. *Feeding the Ghosts* e a memória coletiva da escravidão**

Em *Feeding the Ghosts*, as marcas do passado escravagista perseguem a protagonista Mintah, que não consegue, no tribunal, fazer seu relato ser crível, o que faz com que as 131 mortes dentro do *Zong* não sejam efetivamente julgadas. Neste caso, a voz de Mintah é ignorada, e a memória histórica é escrita de modo a negar o olhar do próprio escravo. Ao longo do romance, Mintah começa a rememorar sua vida em África, antes de ser escravizada. As memórias não vêm todas num fluxo contínuo, elas aparecem aos poucos, conforme certos acontecimentos no navio negreiro ou na Jamaica a fazem recordar-se de seu pai, sua mãe, a missão dinamarquesa onde vivera. Além disso, há também a memória de outros escravos acerca, principalmente, do que ficara em África, como se nota:

O mar estava em nenhum lugar e em toda parte. A África era triste para eles. Numerosas aldeias lançadas para o interior de sua costa. As praças das aldeias foram esvaziadas, as cabanas vazias. Acres de terra tinham sido negligenciados, pois eram responsabilidade das mãos e dos pés acorrentados ali embaixo. O gado perambulava sem ser pastoreado por seus chamamentos e assobios. Pessoas amadas tinham sido perdidas para aqueles corações. Aqueles peitos doíam tanto, cada um estava pronto para estourar sob o peso e a pressão. Os corpos haviam passado de golpes apenas de amor e do trabalho do amor, para chicotadas, cortes e contusões, correntes e coleiras. E das danças nos braços dos amantes, das danças na colheita, nos nascimentos, nas mortes, nos tambores, nas cordas, nas flautas e nas buzinas, eles tinham chegado àquilo: um buraco confinado onde se virar um pouco atravancava o outro, onde os cotovelos em cada lado esbarravam em costelas e o sono era

leve, irregular, olhos arregalados, espasmódico, fragmentado, perturbado, lamuriento. (F.T.G., 1999, p. 26-27).<sup>6</sup>

A voz narrativa é genérica, pois quer representar as perdas de todos aqueles que foram escravizados, provavelmente não apenas ali no *Zong*. Fala-se do que fora deixado, forçadamente, em África: aldeias, terras, gado, pessoas amadas. A descrição enfatiza a comparação entre o que lá ficara e o que agora viviam: antes amor, agora golpes e pancadas; antes trabalho na terra e com o gado, agora correntes; antes danças de celebração, agora espaços minúsculos, enfim, antes liberdade, agora escravidão. Tudo isso transformava a África numa memória triste, pois distante e perdida. Aqui, o próprio ponto de vista heterodiegético com foco narrativo nos escravos reforça a coletividade dessa memória, que é descrita de modo esparsa, mesclada a sensações e sentimentos dos escravos, fazendo com que tais memórias sejam coletivas, como o quer Halbwachs (2006), como vimos.

O início da narrativa de *Feeding the Ghosts* mostra as primeiras impressões dos escravos dentro do navio negreiro, já na passagem intermédia: desesperança, tristeza. Mintah é a escrava que começa a questionar essa situação, e em muitos momentos, o foco narrativo se voltará a ela e às suas memórias, como ocorre no trecho abaixo:

A voz no convés conhecia a África e como aquele mar não era em lugar nenhum e como seu destino não era um começo, mas um fim sem fim. Que se o mar chegasse ao fim e outra terra se lhes sugerisse, estariam perdidos para sempre, mas não mortos, perdidos, mas nunca encontrados. E o amor não estaria em lugar algum: atrás deles e impossível de se recuperar; uma linha lisa no rasto do navio onde o céu se curvava em direção ao mar ou ao mar ascendeu ao céu. O amor estava perdido em algum lugar no mar, com sua capacidade ilimitada de engolir amor, escravos, navios, memórias. E assim eles tiveram que enviar suas vozes para o ar. Não para o mar. Cada respiração viciada afogou-se para este fim. Suas vozes deslocaram a sujeira acumulada entre as tábuas do convés e encontraram o campo descoberto e se reuniram nos céus. (F.T.G., 1999, p. 27).<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> The sea was nowhere and everywhere. Africa was grief to them. Numberless villages flung inland from its coast. Village squares were empty, huts vacant. Acres of land had gone neglected, accountable to the hands and feet chained below. Livestock wandered without being herded by their calls and whistles. Loved ones had been lost to those hearts. Those chests hurt so much, each was fit to burst under the weight and pressure. Bodies had gone from strokes of love only and the labour of love, to lashes and cuts and bruises, chains and collars. And from dances in the arms of lovers, from dances at harvest, at births, at deaths, from drums, strings, flutes and horns, they had come to this: a confined hole where to twist a little encumbered another, where elbows on each side speared into ribs and sleep was light, patchy, eyes wide, fitful, snatched, troubled, whimpering.

<sup>7</sup> The voice above deck knew Africa and how this sea was nowhere and how their destination was not a beginning but an end without ending. That if the sea came to an end and another land suggested itself to them they would be lost forever but not dead, lost but never to be found. And love would be nowhere: behind them and impossible to recover; a flat line in the wake of the ship where the sky bowed down to the sea or to the sea ascended to the sky. Love was lost somewhere in the very sea with its limitless capacity to swallow love, slaves, ships, memories. And so they had to send their voices into the air. Not the sea. Every stale breath was drown to

Para Mintah, a África deixada para trás, com seu amor, estava perdida para sempre, e lhe parecia que o mar os engoliria a todos e a tudo: engoliria todas as suas memórias, seus amores, sua vida passada, enfim. O destino de todos esses escravos parecia ser um “fim”, não um começo: um fim por ser a perda de tudo que seria impossível de recuperar, sua vida em África. O tom da narrativa nessa descrição de D’Aguiar evidencia a desesperança trazida pelo mar, que parece ser um elemento simbólico ao longo do romance. O mar lhes engole, lhes tira a voz, lhes coloca num limbo, e há a certeza de que nada mais seria recuperado, a certeza de que mesmo em terra, estariam “perdidos para sempre”, sem nunca mais encontrar amor. Em vários momentos teremos metáforas sobre o mar, lembrando-nos do fato de que os africanos, em sua maioria, não conheciam o mar, por isso ele lhes era misterioso, causando-lhes insegurança, medo, principalmente somando-se o fato de que o mar fora o elemento que lhes parecia ter tirado a liberdade. O mar se afigura como um não-lugar, pois, como dirá Mintah adiante, “o mar é pior do que nada” (*F.T.G.*, 1999, p. 199)<sup>8</sup>, representa tudo aquilo que lhes foi tirado: suas vidas em África, sua cultura, sua família, sua pertença a uma comunidade, até mesmo sua língua e sua voz, representa, enfim, o desterro dos escravos, seu exílio. A memória dessas perdas e dessa desesperança, embora focada em Mintah, é a memória coletiva de todos os africanos capturados como escravos.

Aos poucos, vamos sendo apresentados às memórias de Mintah sobre a África. As memórias desses momentos parecem idílicas a Mintah, pois aparecem em momentos de desesperança, como quando após ser açoitada por Kelsal, o primeiro-imediate, ela se vê ferida, deitada no chão duro de madeira, e o toque da madeira a faz ter lembranças do pai esculpindo madeira:

Mesmo a madeira com toda a sua indiferença tinha suas queixas. Não se lamentava e gemia como carne e sangue? Chicoteada, chutada e amaldiçoada pelo mar? Não a madeira. Ela se corrigiu. A fibra. Seu pai surgiu da fibra, fundiu-se em sua testa e ficou de pé, fitando-a de braços cruzados. Ela viu-se sentada em um chão de lama com uma bétula macia firmemente presa entre seus pés. Como parecia pequena para si mesma. Ela estava cinzelando lascas da bétula em direções obedientes ao fluxo da fibra. Com cada golpe ela olharia para seu rosto e ele acenaria com a cabeça e sorriria com encorajamento. Ela iria golpear o cepo de madeira mais algumas vezes. Então ele se abaixaria ao seu lado e passaria o dedo indicador pelas ranhuras feitas pelo seu cinzel e acenaria com mais rapidez

---

this end. Their voices dislodged the dirt packed between the planks of the deck and found the open and gathered in the heavens.

<sup>8</sup> the sea is worse than nothing.

e alegria. Quando ele se levantasse novamente, ela retomaria. Ele estava lá em cima, lá em cima, como ele podia ver o que ela viu de perto? De toda a distância lá em cima? No entanto, ele o fez, com aqueles olhos sorridentes. Da próxima vez que ela olhasse para cima, ele teria voltado ao seu próprio trabalho, a alguns metros dela, um cepo maior de madeira, um cinzel robusto que não lhe era permitido tocar, procurando as mesmas correntes de fibras com pequenas rajadas de movimento que enrolavam lascas ao longe e adoçavam o ar. (F.T.G., 1999, p. 41-42).<sup>9</sup>

Mintah pensa no pai e no seu ofício de escultor, e essa memória feliz a consola e a faz, a seguir, imaginar sua vida esculpindo madeira também, sob a aprovação do pai, da mãe, dos familiares, amigos e conhecidos, de toda sua vila, até mesmo dos rios e vales da África. O golpe do açoite, naquele momento, a faz se lembrar dos golpes na madeira, em sua vida antiga. A estratégia discursiva de D'Aguiar, nesta passagem, é utilizar certos termos para falar da madeira que remetem, semanticamente, ao próprio açoite. O jogo de palavras como *lascas*, *golpe*, *golpear*, *ranhuras*, todas referentes ao trabalho com a madeira, sugerem, analogicamente, o açoite em suas costas, e a descrição do trabalho com a madeira é similar ao modo como o açoite a castiga, na medida em que tanto ela quanto a madeira resistem aos golpes, enfrentam-no, com a diferença, porém, de que a madeira não sofre e sangra como ela. Essa memória, embora pareça individual, é, de fato, coletiva, pois envolve as vivências em comunidade que tivera em África, seu envolvimento com o ofício do pai e seus ensinamentos.

Em outros momentos, na escrita de seu diário, que ocorre quando ela consegue se esconder no navio enquanto todos pensavam que havia morrido no mar, a memória de Mintah sobre sua vida em África aparece em uma linguagem mais fragmentada, de um ponto de vista mais distanciado, mais poético também, figurando, talvez, sua dor em lembrar a separação do pai:

Não vejo eu, mas esta menina que é como eu. Eu não penso que Mintah seja eu. Acho que aquela garota é Mintah. E eu vejo seu pai segurando um cinzel na frente dele. Ele esculpe

---

<sup>9</sup> Even wood with all its indifference had its complaints. Didn't it moan and groan just like flesh and blood? Whipped, kicked and cursed by the sea? Not wood. She corrected herself. Grain. Her father loomed up from the grain, melted into her forehead and stood regarding her with his arms folded. She saw herself seated on the ground on a mud floor with a block of soft birch gripped between her feet. How small she seemed to herself. She was gouging chips from the birch in directions obedient to the flown of the grain. With each stroke she would look up at his face and he would nod and smile his encouragement. She would strike at the block a few more times. Then he would stoop down beside her and run his index finger along the grooves made by her chisel and nod more rapidly and happily. When he straightened again she'd resume. He was up there, way up there, how could he see what she saw up close? From all the way up there? Yet see he did, with those smiling eyes of his. Next time she looked up he'd be back at his own work, a few feet from her, a bigger block of wood, a hefty chisel she wasn't allowed to touch, seeking out the same runnellings of grain with little bursts of activity that curled shavings off and sweetened the air.

um adeus no ar. Adeus, Mintah. Pequenos golpes da esquerda para a direita. Adeus. De novo e de novo. Ondas. A fibra no ar, fácil e dócil. Suas ações pequenas e exatas e repetitivas. Mintah, adeus. (*F.T.G.*, 1999, p. 183-184).<sup>10</sup>

Ao escrever o diário, Mintah distancia-se de si mesma em suas memórias e quando fala de si na infância, é como se visse uma outra pessoa. O jogo da enunciação evidencia o distanciamento destes “eus”: a Mintah que escreve; a que viveu o adeus; a que rememora. Cada uma dessas Mintahs completa lacunas em sua memória, cada nova rememoração elucida aspectos de sua infância. A Mintah que escreve é aquela que já vira muitos horrores na passagem intermédia, por isso se distancia tanto da menina que vivera aquele adeus, julgando que aquela fosse Mintah e ela, agora, no momento da escritura, seja outra, não mais Mintah. Talvez essa fase da vida de Mintah esteja tão distanciada de sua mente, num passado que não retornará mais, numa África perdida, numa vida familiar despedaçada, que ela não se reconhece mais. A imagem do pai esculpindo “adeus” no ar com o cinzel, e as lascas de madeira que saem desse adeus são simbólicos e evidenciam a dor da separação, na medida em que ela rememora o pai lhe dando adeus repetidas vezes e esse pai nunca está separado de seu cinzel ou da madeira.

No *Zong*, quando Mintah se mostra insolente, chamando o nome do primeiro-imediate, tentando evitar que ele afogue os escravos doentes, o capitão a chama ao convés e a obriga a dançar. Mintah também é obrigada a pular para evitar a chibata, mas, como era uma jovem inteligente e audaciosa, usa da dança para subverter a ordem do capitão. Assim, transforma a dança em um momento de prazer para si, invocando o deus da fertilidade:

Mintah decidiu dançar a morte do deus da fertilidade. [...]. Agora ali estava sua chance. De transferir a dor do chicote em torno de suas pernas para a de seu ventre. Para aplacar o deus da fertilidade. Para tocar o solo imaginário com a planta do pé, inclinar a cabeça, contrair os ombros e lançar as palmas abertas para os céus em passos curtos que completariam um círculo em volta de si mesma seguindo a direção da lua, um círculo dentro do círculo feito por esses homens desconhecidos. E ser purificada pela chuva, pela água em sua forma mais pura, direto do poço dos deuses, não seguindo em curso de rio, ou armazenada na terra, nem manifestada ao amanhecer como gotículas na grama ou acumulada nos côncavos das folhas, mas sim línguas de chuva que caíam sobre ela como uma borrasca, chicoteando-lhe o corpo, lambendo-o. Ela olhou para o céu ou para seus

---

<sup>10</sup> I see not me, but this girl who is just like me. I don't think Mintah, that's me. I think that girl is Mintah. And I see her father holding a chisel in front of him. He carves goodbye out of air. Goodbye, Mintah. Small strokes from left to right. Goodbye. Again and again. Waves. The grain in the air, easy and yielding. His actions small and exact and repetitive. Mintah, goodbye.

pés, não mais vendo esses homens. Suas orelhas se encheram de vento, chuva, seu coração e as plantas de seus pés no convés. (F.T.G., 1999, p. 31-32).<sup>11</sup>

Mintah, sem nenhuma escapatória que não fosse dançar sob as chibatadas, usou desse momento para dançar a dança da morte do deus da fertilidade, para lembrar-se de sua aldeia, da poeira sob seus pés, das outras moças, da tentativa de dançarem para aplacar um deus. Mintah consegue transformar seu castigo em algo significativo para si, algo prazeroso. Porém, o mais significativo na descrição da dança é o modo como há uma mescla entre a imaginação e a memória da personagem. Enquanto se recorda da dança efetuada na aldeia, ela se imagina lá, transferindo a memória para sua imaginação, desejando estar lá e na realidade que fazia parte desse lá, não ali, no convés de um navio negreiro. A chuva que cobre seu corpo enquanto dança a faz rememorar a chuva torrencial na aldeia, e ela se imagina sendo purificada por aquela chuva, esquecendo-se de que o chão que tocava não era de terra, mas de madeira, esquecendo-se dos homens à sua volta e do chicote lambendo seus pés. A força imagética desse trecho evidencia o poder descritivo de D'Aguiar, que aqui não se perde em explicações desnecessárias, mas cria a ideia de uma Mintah que consegue, com a força de sua memória e de sua imaginação, esquecer-se de onde estava, ficar totalmente absorta, alheia à sua volta e imersa em si.

No *Zong*, um grupo de dez escravos, vendo as mortes por afogamento abundarem, decide se jogar ao mar voluntariamente. A memória é de Mintah, na Jamaica, que se recorda do sofrimento sentido quando, após tentar um motim e ser capturada, é colocada amarrada no convés para presenciar mais mortes, como castigo por sua insolência: “Olhando para o meu rosto, o capitão procurou meu nome para ver quanto mais ele poderia aguentar.” (F.G., 1999, p. 213).<sup>12</sup> Ela implora ao capitão que pare, mas muitas mortes se sucedem, e os escravos atirados ao mar chamam o nome de Mintah, como se ela lhes significasse alguma coisa, talvez a possibilidade de se içarem de volta, como ela o fez: “Alguns dos doentes chamaram meu

---

<sup>11</sup> Mintah decided to dance the death of fertility god. [...] Now here was her chance. To transfer the pain of the whip around her legs to that of her womb. To placate the fertility god. To touch imaginary soil with the balls of her foot, bow her head, contract her shoulders and throw her open palms to the heavens in half-steps that would complete a circle of her own following the direction of the moon, a circle within the circle made by these alien men. And be cleansed by the rain, by water in its purest form, direct from the well of the gods, not following in a river, or stored in the ground, nor made manifest at dawn as droplets on grass or pooled in the cups of leaves, but pelting, lashing, licking tongues of rain. She looked up at the sky or at her feet, no longer seeing these men. Her ears filled with the wind, rain, her heart and the balls of her feet on the deck.

<sup>12</sup> Looking into my face, the captain searched my name to see how much more it could take.

nome, ‘Mintah’. Como se meu nome em seu último suspiro os ajudasse a sair do mar como eu tinha feito.” (*F.T.G.*, 1999, p. 213).<sup>13</sup> Ouvindo seu nome ser tantas vezes repetido por tantos moribundos, Mintah se sente impotente e culpada e o amaldiçoa: “Eu ouvi e amaldiçoei o dia em que recebi esse nome. Tornara-se uma acusação. Um mau presságio. Uma sentença. A morte desfilou à sua volta. A morte foi invocada por ele. Uma morte no mar. Mintah. Por água. Mintah. Para apaziguar a manhã faminta. Mintah. No corpo do mar.” (*F.T.G.*, 1999, p. 213).<sup>14</sup> Mintah associa seu nome às mortes daqueles africanos, pois se sente responsável por não as ter impedido. Ao associar seu nome às mortes, a memória de Mintah é descrita numa linguagem que reforça essas mortes, com o uso de períodos curtos que parecem um refrão, cada um deles intercalado com o seu próprio nome, remetendo a uma ladainha fúnebre. Tamanha é a culpa e o pesar que carrega, que mesmo após tantos anos, consegue se lembrar de cada uma das 131 mortes, inclusive dos dez que se suicidam, ali na sua frente, também chamando seu nome:

O capitão amaldiçoou-os e ordenou a sua tripulação para desobstruir o convés, e a tripulação os espancou. Mas não antes que dez tivessem ido. Não obrigados. Mintah. Não jogados. Mintah. Saltaram. Mintah. Venha e nos pegue. Mintah. Aqui estamos. Prontos ou não. Mintah. Abram espaço para passarmos. Mintah. No fundo do mar. Mintah. Nossos ossos juntando-se a uma estrada de ossos. Mintah. Nossos gritos no vento. Nossos corpos no mar com um som do mar caindo silenciosamente. Mintah. Lanças de chuva quebrando em nossos corpos e as lanças enterradas conosco no mar. Mintah. Aqueles acorrentados em pares ajudando uns aos outros sobre a amurada. Mintah. (*F.T.G.*, 1999, p. 213).<sup>15</sup>

A repetição dos períodos curtos, a repetição de seu nome aliadas à ideia do suicídio coletivo trazem como resultado a construção de imagens que levam o leitor a visualizar cada um destes escravos se jogando ao mar, cada um deles chamando por Mintah, gritando seu nome, olhando-a antes de cair ao mar. A leitura do trecho cria um ritmo de música fúnebre, sendo que o que se repete, aos ouvidos de Mintah, é seu nome, aquele culpado pelas mortes

<sup>13</sup> Some of the sick called my name, ‘Mintah.’ As if my name on their last breath would help them to climb out of the sea as I had done.

<sup>14</sup> I heard and cursed the day I got that name. It had become an accusation. A bad omen. A sentence. Death paraded around it. Death was invoked by it. A death at sea. Mintah. By water. Mintah. To appease de hungry morning. Mintah. Into the body of the sea.

<sup>15</sup> The captain cursed them and ordered his crew to clear the deck, and the crew beat them back. But not before ten had gone. Not bound. Mintah. Not thrown. Mintah. Jumped. Mintah. Come and get us. Mintah. Here we come. Ready or not. Mintah. Make room for us. Mintah. At the bottom of the sea. Mintah. Our bones adding to a road of bones. Mintah. Our cries in the wind. Our bodies in the sea with a sea-sound falling soundlessly. Mintah. Spears of rain breaking on our bodies and the spears buried with us in the sea. Mintah. Those chained in pairs helping each other over the side. Mintah.

a bordo. A memória de Mintah é recheada de culpa, cada lembrança vem com o chamamento de seu nome. Os escravos não a culpavam, pareciam admirá-la, mas ela carregará para sempre o fardo de não ter podido evitar suas mortes, tanto as dos escravos assassinados, quanto a daqueles dez que se suicidaram para não serem atirados ao mar se ficassem doentes, ou para evitar uma vida de escravidão e humilhações como as que sofriam no navio. Mintah será assombrada pelos fantasmas desses mortos, de tal modo que os rememoraré até o fim da vida, esculpindo 131 carrancas de madeira para simbolizá-los, planejando ainda esculpir outras dez, as destes suicidas: “São 131 deles. Um verdadeiro exército. E eu tenho trabalhado em outro por meses agora, entre pedidos de cálices e tigelas de fruta e bandejas. Tenho planos para mais dez depois disso.” (*F.T.G.*, 1999, p. 209).<sup>16</sup> O termo “exército” parece simbolizar a resistência desses mortos, a tentativa de não morrerem nos braços do mar. Os dez que pensava em esculpir parecem não ter sido concluídos, pois Mintah morre logo após essas rememorações. Talvez aquela carranca de madeira na qual trabalhava há meses também não tenha sido finalizada, e ela parece ser a representação de si mesma, também jogada ao mar, também transformada em fantasma, embora viva.

Na história ficcional de D’Aguiar, a voz da escrava Mintah é ouvida por Simon, pelos outros escravos e incomoda ao capitão, sobretudo ao primeiro-imediato, Kelsal, dentro do navio. Mas, não será ouvida no tribunal. O advogado de defesa do navio *Zong* argumenta que o que estava em jogo naquele tribunal era se o capitão havia cumprido a lei ou não, ao que ele conclui que sim, pois a lei dizia que “Qualquer ação necessária pode ser tomada pelo capitão sobre seu gado se a referida ação visar a preservação desse gado.” (*F.T.G.*, 1999, p. 166)<sup>17</sup>, portanto as 131 mortes não são vistas como assassinato. Para o advogado, o capitão foi ainda misericordioso ao matar tantos escravos doentes, pois isso lhes poupou muito sofrimento. Coloca em dúvida a autenticidade do livro de Mintah: “É meu argumento que o relato desta escrava é uma invenção dos seguradores e, como tal, não deveria ter sido admitida como prova porque um escravo não o poderia ter escrito.” (*F.T.G.*, 1999, p. 165).<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> There are 131 of them. A veritable army. And I have been working on another for months now, between orders for goblets and fruit bowls and trays. I have plan for ten more after that.

<sup>17</sup> Any necessary action can be taken by the captain concerning livestock if the said action aims at the preservation of said stock.

<sup>18</sup> It is my contention that this slave’s account is a fabrication by the insurers and as such it should not have been admitted as evidence because a slave could not have written it.

Como a grande maioria das pessoas na época também acreditava na inferioridade intelectual dos africanos, o argumento do advogado é bem aceito, convencendo a todos de que uma escrava não poderia escrever algo assim. Acrescenta que o relato falso conta tudo aquilo que os seguradores queriam acreditar, e diz que o livro é “Escrito por um fantasma, parece, já que a mão não foi apresentada aqui hoje neste tribunal para provar sua autoria.” (*F.T.G.*, 1999, p. 169).<sup>19</sup> Mintah seria esse fantasma, pois nos argumentos do advogado, ela nem fora mencionada no diário do capitão, e seria impossível que ficasse escondida sem que o capitão soubesse:

Você está seriamente sugerindo que uma africana alfabetizada em inglês seria comprada pelo capitão sem que ele soubesse e se esconderia em seu navio e ele não teria nenhuma ideia de sua presença em uma viagem de mais de dez semanas? Ele provocou o Sr. Wilkes. (*F.T.G.*, 1999, p. 169).<sup>20</sup>

O advogado dá a entender que uma africana jamais teria tamanha engenhosidade: de escrever tal relato, de se esconder por tanto tempo, pois obviamente sua inteligência era infinitamente menor que a do capitão, o que leva a plateia a assentir em concordância. O advogado acrescenta que o diário de bordo do capitão fala da necessidade de economizar água, enquanto o livro de Mintah fala de chuva incessante, causando contradições. Mas, questiona: “Em que devemos acreditar? O relato do capitão ou as reflexões fantasmagóricas de uma mente propensa à invenção, ao que parece, das histórias sobre a terra e o mar?” (*F.T.G.*, 1999, p. 170).<sup>21</sup> O diário de bordo somado aos testemunhos servia como prova da inocência do capitão: “A necessidade é uma parte da questão, e o capitão tem provado suas ações por seu diário de bordo e pelo testemunho de sua tripulação.” (*F.T.G.*, 1999, p. 171)<sup>22</sup>, o que nos faz entender que o relato de uma escrava jamais teria validade num tribunal, enquanto apenas a palavra escrita de um capitão bastava para lhe tornar inocente. Assim, o

---

<sup>19</sup> penned by a ghost, it seems, since the hand has not been produced here today in this court to prove its authorship.

<sup>20</sup> Are you seriously suggesting that na African female literate in English would be bought by the captain unknowingly and concealed on his ship and he would have no inkling of her presence in a Voyage of over ten weeks? He challenged Mr Wilkes.

<sup>21</sup> Which are we to believe? The captain’s account or the ghost-written musings of a mind prone to invention, it seems, from the stories about the land and the sea?

<sup>22</sup> Necessity is a part of the issue, and the captain has proven his actions by his ledger and by the testimony of his crew.

que se torna memória histórica das mortes no navio *Zong* é a voz do capitão, dos tripulantes, do advogado, mas nunca de uma escrava.

No fim da vida, ao rememorar a passagem intermédia, Mintah nos conta que esculpe madeira. E esculpiu 131, em particular, que não vende. Cada escultura é observada por Mintah quase diariamente, indicando que sua memória não os deixa no passado, pois não os esquece. Mintah os descreve ao leitor:

As pessoas terão prazer em pegar um cálice de mim, mas não essas figuras, muitas delas não muito maior do que um cálice. São minhas taças. Eu bebo sua fibra. Eu bebo luz deles, a forma como ela brilha não em suas cabeças e ombros e costas, mas em determinados locais, tais como o interior de um braço que se junta ao corpo, ou o sulco entre a canela e a panturrilha, tão escura como o mar, ou como um escravo no porão de um navio. Existem 131 deles. Um verdadeiro exército. (*F.T.G.*, 1999, p. 209).<sup>23</sup>

Mintah esculpe os mortos no *Zong*, dando-lhes formas que a fazem lembrar do mar ou do navio. Para cada escultura, há um nome e uma idade, que Mintah lhes forja, com o intuito de dar-lhes a identidade perdida no mar e na escravidão. Todas as memórias de África parecem continuar presentes em Mintah, que, na velhice, se lembra dos pais, da madeira, da missão, de Kelsal, dos missionários: o que morre é a esperança de voltar ao solo natal algum dia. Era assim para praticamente todos os que cruzavam o Atlântico como escravos: não possuir mais um lar, uma família, um local amigável, tranquilo, não pertencer mais a uma comunidade. A única chance de minimizar essas lembranças era pelo esquecimento, parecendo impossível a Mintah, o que se evidencia no modo como trabalha a madeira, esculpindo os mortos do *Zong*. Para muitos, havia a tentativa de construir nova família, mas Mintah não se permite isso.

## **Conclusão**

A utilização da teoria da memória coletiva mostrou-se válida neste trabalho, clareando as ideias acerca do apagamento proposital de certas memórias coletivas da escravidão, o silenciamento de vozes cuja ideologia não importava para aqueles que detinham o poder de fazer história, fazendo com que muitas memórias fossem ignoradas e relegadas

---

<sup>23</sup> People will gladly take a goblet from me but not these figures, many of them not much bigger than a goblet. They are my goblets. I drink their grain. I drink light from them, the way it shines off head and shoulders and back but in certain places, such as the inside of an arm where it joins the body, or the groove between the shin and calf, is as dark as the sea, or the slave hold of a ship. There are 131 of them. A veritable army.

ao esquecimento, ao mesmo tempo em que as memórias coletivas de quem detinha o poder, no período de vigência da escravidão negra no mundo, a saber, os senhores escravistas, fossem utilizadas para se cristalizar uma memória quase uma acerca da escravidão. Estamos falando das memórias esquecidas dos escravos, pois que silenciados por sua condição social de quase imobilidade diante dos códigos escravistas e outras leis que os relegavam à condição de animais ou objetos, expectadores quase passivos diante de seu próprio destino.

Fred D'Aguiar, além de escrever obras ficcionais nas quais dá voz aos escravos e às suas memórias, questionando o que se consolidou como memória histórica da escravidão, também faz esse papel em artigos científicos, nos quais debate os legados ainda hoje tão presentes deixados pela escravidão negra, como as diferenças sociais, o racismo, o apagamento destas vozes. Sobre isso, interessa que obras acerca da escravidão continuem a serem criadas, já que seu tema é inesgotável dadas as evidências sociais de que a escravidão negra, embora terminada, deixou efeitos tristes e desoladores em nossa sociedade. Assim o próprio D'Aguiar criou o romance aqui analisado seguindo a proposição sua de que esquecer, de novo e de novo, não deve ser uma opção no que concerne à memória da escravidão.

O que se pode concluir da análise de *Feeding the Ghosts* é que as memórias do capitão e dos tripulantes é que constituem a memória histórica do *Zong*. As memórias de Mintah são ignoradas no tribunal, sua voz é silenciada e as memórias coletivas que são usadas para se escrever a história do *Zong* são fabricadas, inventadas, evidenciando que a história nunca é imparcial e que sua escritura se dá por meio de ideologias de poderosos e detentores do poder, nunca da minoria, como o afirmou Le Goff (1994).

Isso se dá por que os escravos não eram vistos como seres humanos, portanto não tinham direitos sociais, sendo proibidos de serem alfabetizados ou de depor em tribunais, como os códigos escravistas determinavam, portanto, suas memórias coletivas não eram levadas em consideração para que se contasse a história. Na ficção, D'Aguiar dá voz a essa escrava, o que nos leva a refletir sobre o que diriam os escravos se tivessem podido falar, em termos legais. A ficção revisita esses locais das memórias da escravidão, utilizando-se de um fato histórico para levantar o questionamento acerca de quantas outras memórias históricas se oficializaram com base apenas numa visão ideológica.

## Referências

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

D'AGUIAR, Fred. *Feeding the Ghosts*. London: The Ecco Press, 1997.

\_\_\_\_\_. The Last Essay about Slavery. In: DUNANT, S.; PORTER, R. (Ed). *The Age of Anxiety*. London: Virago, 1997. p. 125-147.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

\_\_\_\_\_. Further Adventures in the Skin Trade. In: HERBERT, W. N.; HOLLIS, Matthew (Ed.). *Strong Words: Modern Poets on Modern Poetry*. Northumberland: Bloodaxe, 2000a. p. 269-272.

\_\_\_\_\_. Home is Always Elsewhere: Individual and Communal Regenerative Capacities of Loss. In: OWUSU, Kwesi (Ed.). *Black British Culture and Society: A Text-Reader*. London: Routledge, 2000b. p. 209-220.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

PICHLER, Susanne. 'The sea has no memory': Memories of the Body, the Sea and the Land in Fred D'Aguiar's *Feeding the Ghosts* (1997). *Acta Sci. Human Soc. Sci.* Maringá, v. 29, n. 1, p. 1-17, 2007.

REINHARDT, Catherine A. *Claims to Memory Beyond Slavery and Emancipation in the French Caribbean*. New York: Berghahn Books, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das idéias*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

WARD, Abigail. *Caryl Phillips, David Dabydeen and Fred D'Aguiar: Representations of Slavery*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2011.